

**ATA DA 3ª (TERCEIRA) REUNIÃO ORDINÁRIA DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS
DE 2019**

Data: 18/03/2019 - Membros: Gestor, Nelson de Souza - Diretor Presidente, Everton Sant'ana – Gerente de Planejamento, Orçamento, Contabilidade e Finanças, Lucielma Ferreira Feitosa – Membro do Comitê, Laydianne Alves da Silva Rosa Gonçalves – Membro do Comitê, Fábio Enrique Camilo Jose Esteves. **Convidados** – Flávia, Erika e Cleiton da Caixa Econômica Federal. As nove horas e trinta minutos do dia dezoito de março de dois mil e dezenove, ordinariamente os membros do comitê abaixo-assinados para esta reunião. Dando início aos trabalhos, o Sr. Everton Sant'ana procedeu à leitura da ordem do dia, que passou a ser objeto de análise pelos presentes: **1) Leitura da Ata anterior:** leitura da ata; **2) Instituições Recebidas e visitadas:** Caixa Econômica Federal; **3) Avaliação do Mercado:** CENÁRIO INTERNACIONAL Com um cenário internacional em transição, março novamente foi um mês de grande volatilidade para muitos ativos no mercado internacional. Com forte queda nos juros americanos e europeus, as bolsas nessas regiões até apresentaram novos desempenhos positivos, apesar de permanecerem as preocupações com o crescimento mundial. O cenário externo mostrou deterioração durante boa parte de março, como resultado da continuidade das incertezas sobre a tensão comercial entre os Estados Unidos e a China, surpresas nas decisões de políticas monetárias dos principais bancos centrais do mundo, uma decepção com o ritmo da atividade econômica ao redor do globo e o prosseguimento das indefinições sobre a saída do Reino Unido da União Europeia, mesmo se aproximando o prazo de saída. Essa combinação de fatores provocou uma piora no sentimento global, crescentemente pesando nos mercados internacionais no decorrer do mês, conforme os fatores se acumularam. Com uma extensão indefinida da trégua no conflito comercial entre EUA e China, após a suspensão da elevação das tarifas de importação sobre os produtos chineses pelos Estados Unidos, prevista para o início de março, o mercado passou a acompanhar o ritmo e o tom das negociações entre os dois países. Enquanto um acordo não é de fato assinado ou seus detalhes finais não são revelados, o tom de incerteza segue como pano de fundo, pesando sobre os mercados e sobre a atividade econômica tanto nos dois países quanto em países relacionados ou mais abertos em termos comerciais. Nesse contexto, a expectativa de que o ponto mais baixo da atividade econômica recente global pudesse ficar entre o 4º trimestre do ano passado e o 1º trimestre deste ano, tendendo a se recuperar a partir daí de forma mais consistente, passou a ficar comprometida pela persistência da falta de definição e visibilidade na questão comercial, sugerindo uma velocidade mais lenta de recuperação. Divulgações de dados do 1º trimestre mais fracos do que o esperado na Zona do Euro, Japão, China e mistos nos EUA corroboraram essa visão. A Europa, no momento, parece representar de fato o elo mais fraco da recuperação econômica, mesmo que os fatores de incerteza mencionados pudessem ser totalmente afastados. Bastante afetada pela incerteza causada pelo conflito comercial e pelas expectativas de desaceleração global (por ser uma economia bastante aberta), com questões locais específicas (novas regulações industriais e questões políticas) e características de uma inércia maior na velocidade de recuperação, a perda de momentum na atividade econômica europeia só tende a mostrar sinais mais claros de reversão no 2º semestre.

Essas condições, inclusive, fizeram com que o presidente do Banco Central Europeu revisasse em março as estimativas para o crescimento e a inflação na região, e também alterasse a sinalização sobre a trajetória esperada para sua política monetária adiante. Mario Draghi, em tom bastante cauteloso, apontou os riscos do cenário, adiou sua expectativa para a elevação da taxa básica de juros europeia para não antes do fim de 2019, indicou a continuidade da disposição de prover ampla liquidez e anunciou os detalhes sobre uma nova rodada do programa para garantir melhores condições para o financiamento bancário (TLTROs) visando estimular a economia. Ao mesmo tempo em que o BCE conseguiu seu objetivo de promover confiança de que a liquidez continuaria, o euro perdeu valor e a nova rodada de revisão de projeções teve como efeito colateral reforçar ainda mais as preocupações com o crescimento mundial. De forma semelhante, na decisão de março do Federal Reserve americano, o presidente Jerome Powell, também diante de um cenário de atividade mais fraca no curto prazo, pressões inflacionárias contidas, condições financeiras mais apertadas e maiores riscos no cenário internacional, divulgou revisões em suas projeções para um cenário mais pessimista em termos de crescimento, com inflação mais baixa e expectativa de menores altas de juros nos próximos anos. Um cenário em que seria possível ainda se manter “paciente”, de acordo com a autoridade monetária. Em ambos os casos, embora os dois importantes BCs tenham reenfocado o caráter dependente da evolução dos dados e do cenário para as suas próximas decisões, o mercado se concentrou mais nos riscos considerados pelas autoridades monetárias e preferiu, em decorrência, ajustar as expectativas um pouco mais para baixo. Outro fator monitorado pelo mercado ao longo do mês foi a evolução do processo de saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit). Com a data final do divórcio de 29 de março se aproximando, e a primeira Ministra Theresa May seguindo sem conseguir aprovar um acordo que garantisse a saída em tempo hábil, o mercado acompanhou com ansiedade a evolução do processo a cada tentativa de votação. Ao fim do mês, conseguiu-se, em grande medida, afastar o risco de uma saída desordenada (sem um acordo), além de uma extensão técnica do prazo de saída para 12 de abril, para que se tente até lá um acordo que finalmente garanta o resultado do referendo de 2016, ou se opte por uma extensão ainda maior do prazo de saída, o que no limite poderia até mesmo levar a uma reversão do processo de divórcio. CENÁRIO DOMÉSTICO CARTA ECONÔMICA Março 2019 No Brasil, como visto em diversas ocasiões no decorrer do último ano, momentos de maior preocupação no cenário internacional combinados com maiores incertezas no cenário doméstico tendem a resultar em movimentos bastante acentuados nos mercados locais. Foi o que se observou em março, quando a boa dose de otimismo já embutida nos preços dos ativos brasileiros (e que levou o Ibovespa a se aproximar dos 100 mil pontos) perdeu a sustentação diante do cenário de novas revisões para baixo no crescimento deste ano e aumento da tensão política em torno da tramitação da Reforma da Previdência (o que, no momento de maior tensão, levou o dólar de novo a se aproximar do patamar de R\$ 4,00). Com a ausência de melhora significativa nos dados de atividade econômica no 1º trimestre, depois do fraco desempenho observado no 4º trimestre (apenas +0,1% contra o anterior), com a pauta de medidas econômicas para impulsionar o crescimento preparada pelo governo em paralelo à Reforma da Previdência em total segundo plano, diante da necessidade de priorizar esta última, e com a percepção de que o governo ainda peca pela falta de coordenação política para avanços mais rápidos na reforma que garantam uma reação maior dos índices de confiança e sua tradução na economia real, o mercado seguiu reduzindo as expectativas de crescimento para o ano. O consenso do mercado para o crescimento do PIB de 2019 caiu de 2,5% para 2,0% em março (nossa

projeção também foi reduzida – de 2,3% para 1,8%). No campo da política, houve avanços na tramitação da Reforma da Previdência, com a divulgação da proposta para os militares (embora com ganho fiscal total menor do que o previsto) e com a instalação e o início da tramitação na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) na Câmara dos Deputados. Entretanto, o processo não ocorreu sem percalços. Com a insuficiente articulação política, os trâmites se deram de forma mais lenta e mais conturbada na relação com o Legislativo, o que aumentou a probabilidade de que a reforma só seja aprovada no 2º semestre e levantou incertezas sobre o tamanho da economia final a ser gerada. Em paralelo, no campo da política monetária, Roberto Campos Neto assumiu como novo presidente do Banco Central (BC), mantendo um discurso de continuidade em relação à gestão anterior. Em sua reunião de março, o Copom indicou que, com a atividade mais fraca e com o cenário externo apontando riscos para o crescimento, o balanço de riscos para a inflação deixava de ser assimétrico e passava a ser simétrico. O Copom, entretanto, procurou esclarecer que a mudança do balanço de riscos não implicaria uma iminência de um corte de juros, e que seria necessário um tempo para avaliar os efeitos dos choques que atingiram a economia no ano passado. O BC também repetiu a avaliação de que “cautela, serenidade e perseverança” na condução da política monetária são úteis para o objetivo de manter a inflação sob controle e divulgou projeções que mostraram a inflação esperada para 2020 em linha com as metas. Nesse contexto, na nossa visão, o discurso do BC, combinado com o cenário de crescimento mais lento, mas ainda positivo, e tendo em paralelo o risco de volatilidade cambial diante das incertezas do cenário internacional e político local (mesmo que a trajetória do cenário-base permaneça de apreciação), indica manutenção da taxa Selic no atual nível de 6,5% a.a. até o fim de 2019. Olhando adiante, abril se inicia em tom cautelosamente otimista no cenário internacional, conforme se antecipa uma solução considerada boa para a guerra comercial entre EUA e China – ainda que sem datas ou conteúdo definido para o acordo –, enquanto se aproxima o novo prazo para o Brexit e a possibilidade de divulgações de dados de atividade econômica global melhores a partir de agora. No Brasil, a forte volatilidade observada em março faz com que o mercado ainda siga positivo, apostando no avanço da proposta da Reforma da Previdência, mas mais avesso ao risco. A trégua no relacionamento entre o Executivo e o Legislativo é, a princípio, vista apenas exatamente como trégua, e os agentes podem levar algum tempo acompanhando a evolução das datas-chave para o trâmite nas comissões e o relacionamento entre os agentes políticos para pôr novamente mais fichas no jogo. **4) Rentabilidade:** a rentabilidade do mês fevereiro/19 foi de **R\$ 634.315,58** (seiscentos e trinta e quatro mil trezentos e quinze reais e cinquenta e oito centavos). Segue abaixo quadro da rentabilidade acumulada do ano:.....

MÊS	SALDO ANTERIOR	SALDO ATUAL	RETORNO (\$)	RETORNO (%)	META (%)
JANEIRO	472.313.219,54	499.667.732,18	16.375.697,14	3,38%	0,87%
FEVEREIRO	499.667.732,18	505.013.478,73	634.315,58	0,11%	1,01%
ACUMULADO DO ANO			17.010.012,72	3,49%	1,89%

5) Meta Atuarial: no exercício de 2019 a meta atuarial foi de 1,89% (IPNC + 6%), e o retorno da nossa carteira foi de 3,49%. **6) Repasses dos Segurados e entes Patronais:**

REPASSES					TOTAL
ENTE	FINANCEIRO		PREVIDENCIARIO		
	SERVIDOR	PATRONAL	SERVIDOR	PATRONAL	
PMG FEVEREIRO/19	12/03/2019	12/03/2019	12/03/2019	12/03/2019	6.677.581,69
	R\$ 2.116.410,62	R\$ 1.777.139,26	R\$ 1.270.720,40	R\$ 1.513.311,41	
PMG PATRONAL 13 SAL /18 - MULTA E JUROS	15/02/2019		15/02/2019		59.849,36
	R\$ 35.100,72		R\$ 24.748,64		
PMG PATRONAL JANEIRO		07/03/2019		07/03/2019	147.756,26
		R\$ 96.010,79		R\$ 51.745,47	
SERVIDOR CEDIDOS			08/03/2019	08/03/2019	1.684,37
			R\$ 768,80	R\$ 915,57	
SERVIDOR LICENÇA S/ VENCIMENTO			01/03/2019	01/03/2019	898,53
			R\$ 410,12	R\$ 488,41	
INATIVOS LEI 1212 - JAN/19	28/02/2019				30.354,69
	R\$ 30.354,69				
CAMARA JAN/19	27/02/2019	27/02/2019			132.457,38
	R\$ 60.457,73	71.999,65			
INATIVOS CAMARA JAN/19	27/02/2019				14.831,49
	R\$ 14.831,49				
GUARUJÁ PREVIDENCIA FEV/19	28/02/2019	28/02/2019	28/02/2019	28/02/2019	24.234,57
	R\$ 2.810,33	R\$ 3.346,85	R\$ 8.251,10	R\$ 9.826,29	
GUARUJÁ PREVIDENCIA RESCISÃO			28/02/2019	28/02/2019	701,00
			R\$ 319,96	R\$ 381,04	
PAGAMENTO JUROS FUINDO IMOBILIARIO			14/03/2019		10.500,00
			R\$ 10.500,00		

7) Alocação temporária dos repasses: os repasses acima, foram aplicados automaticamente no Fundo Brasil Disponibilidade RF da Caixa Econômica Federal, no valor total de **R\$ 7.100.849,34** (sete milhões cem mil oitocentos e quarenta e nove reais e trinta e quatro centavos), até a data desta reunião, somando-se a este valor o pagamento de juros do Fundo Rio Bravo e parcelamento existente junto a PMG. E no mês houve pagamento de juros dos fundos de Títulos Públicos no total de **R\$ 945.798,56** (novecentos e quarenta e cinco mil setecentos e noventa e oito reais e cinquenta e seis centavos). **8) Taxa de Administração e Folha de Pagamento de Benefícios:** do total repassado foi transferido o valor de **R\$ 700.000,00** (setecentos mil reais) referente a taxa de administração para a conta CEF 150-6, que visa cobrir os gastos administrativos desta autarquia. Transferido também o valor de **R\$ 1.100.000,00** (um milhão e cem mil) para

conta do fundo financeiro e o valor de **R\$ 500.000,00** (quinhentos mil reais) para o fundo previdenciários para pagamentos dos benefícios e inativos. **9) Análise e decisão do Comitê de Investimento:** com base no cenário econômico e já considerando que a reforma da previdência ficará para o 2º semestre de 2019, segue abaixo as aplicações a serem realizadas:.....

1 - TRANSFERENCIAS ADMINISTRATIVAS			
FUNDOS / BANCOS	FUNDO FINANCEIRO	FUNDO PREVIDENCIARIO	TOTAL
FOLHA PAGAMENTO SANTANDER	R\$ 1.100.000,00	R\$ 500.000,00	R\$ 1.600.000,00
TAXA DE ADM CEF	R\$ 402.828,37	R\$ 297.171,63	R\$ 700.000,00
SUB TOTAL (1)	R\$ 1.502.828,37	R\$ 797.171,63	R\$ 2.300.000,00

2 - INVESTIMENTOS			
FUNDOS / BANCOS	FUNDO FINANCEIRO	FUNDO PREVIDENCIARIO	TOTAL
RENDA FIXA			
ICATU IMAB	R\$ 1.309.314,90	R\$ 1.190.685,10	R\$ 2.500.000,00
ITAU IMAB ATIVO	R\$ 1.309.314,90	R\$ 1.190.685,10	R\$ 2.500.000,00
CEF DISPONIBILIDADE	R\$ 87.003,96	R\$ 79.440,97	R\$ 166.444,93
SUB TOTAL (2)	R\$ 2.705.633,76	R\$ 2.460.811,17	R\$ 5.166.444,93

TOTAL DAS APLICAÇÕES (1+2+3)	R\$ 4.208.462,13	R\$ 3.257.982,80	R\$ 7.466.444,93
-------------------------------------	-------------------------	-------------------------	-------------------------

10) Analise Fundos: analisando nossa carteira, decidimos diminuir a exposição em CDI tendo em vista que o mesmo não irá bater a meta atuarial e a Autarquia não precisa desse valor alto em disponibilidade, sendo assim iremos realocar os valores do BB Fluxo para o BB IMAB, sendo R\$1.140.000,00 (um milhão cento e quarenta mil reais) do fundo financeiro e R\$ 5.570.000,00 (cinco milhões quinhentos e setenta mil reais) do fundo previdenciário. **11) Proxima reunião:** alterada a data da próxima reunião que aconteceria dia 15/04 para 12/04/2019. Nada mais a declarar eu, Lucielma Ferreira Feitosa encerro esta ata.

Everton Sant'ana
Diretor Presidente

Nelson de Souza
Responsável Técnico

Lucielma Ferreira Feitosa
Gerente de Planejamento, Orçamento
Contabilidade e Finanças

Laydianne Alves da S.Rosa Gonçalves
Membro do Comitê

Fabio Enrique Camilo Jose Esteves
Membro do Comitê